EDITORIAL - A Aliança Atlântica e a Europa em Tempos de Austeridade

General
Gabriel Augusto do Espírito Santo

A Aliança Atlântica e a Europa em Tempos de Austeridade

Um artigo do Secretário-geral da OTAN, Senhor Anders Fogh Rasmussen, num número recente da prestigiada revista *Foreign Affairs* (Jul/Ago-2011), com o título *NATO after Libya,* merece que lhe dediquemos alguma atenção pela actualidade que representa, tentando trazer aos leitores da *Revista Militar* algumas das ideias principais ali contidas.

A missão da OTAN na Líbia, *Unified Protector,* revelou três evidências sobre as actuais capacidades da Aliança para uma intervenção militar. Em primeiro lugar, e para aqueles que argumentavam que a missão no Afeganistão seria a última intervenção *out-of-area* da Aliança, mostrou que hoje a verdadeira essência da segurança é a imprevisibilidade. Em segundo lugar mostrou que a par das capacidades militares de primeira linha, tais como aviões e navios de combate, outras capacidades proporcionadas pelos denominados *enablers,* tais como meios aéreos de vigilância e reabastecimento, assim como *drones*, são elementos críticos para qualquer operação militar actual. Finalmente, revelou que não faltam aos aliados da OTAN capacidades militares. Algumas faltas deveram-se mais a restrições políticas do que a incapacidades militares.

As tendências decrescentes dos orçamentos da defesa nos aliados europeus levantam algumas preocupações, levando a admitir que com a actual tendência a Europa não poderá manter capacidades militares suficientes para sustentar operações militares no futuro. Isto levanta um desafio que se coloca à Europa e à Aliança: como evitar que uma crise económica evolua para uma crise na segurança. E para evitar tal risco os aliados da OTAN devem tomar medidas inovadoras em três áreas: reforçando a defesa europeia, reforçando a relação transatlântica e empenhando-se com os países emergentes para enfrentar desafios comuns.

É um facto que a Europa ao mesmo tempo que enriqueceu diminuiu as despesas com a defesa. Desde 1991 até 2010, enquanto o PIB dos aliados europeus cresceu 55%, as suas

despesas com a defesa diminuíram cerca de 20%. Tal tendência foi ao contrário do que aconteceu na Ásia ou mesmo nos EUA. No mesmo período, a Índia aumentou de cerca de 50% a sua despesa com a defesa e a China triplicou-a. Em 1991, os aliados europeus contribuíam com 34% para a defesa da Aliança, cobrindo os EUA e o Canadá os restantes 66%. Actualmente, a contribuição europeia, alargada a 26 estados membros, representa 21%. Muitos observadores, incluindo círculos governamentais e de ambos os lados do Atlântico, argumentam que o maior desafio à segurança do Ocidente está nos níveis de endividamento na Europa e nos EUA. Por isso, defendem que, sem dinheiro, não pode haver potencial militar e a Europa deve gastar menos em defesa porque é um espaço livre e de paz.

Estes argumentos esquecem algumas realidades. O potencial militar ainda conta na geopolítica do século XXI e não se pode confiar só no *soft power* para a resolução dos conflitos emergentes, como a situação internacional evidencia diariamente. Novas economias e potenciais militares, tais como o Brasil, a China e a Índia, assumem protagonismo no ambiente internacional. Não constituindo ameaça ao Ocidente nem à OTAN, a Europa deve receber com agrado o que estas nações podem oferecer à segurança internacional em termos de capacidades militares e a contribuição que podem trazer à insuficiência militar que a Europa vive. A parceria transatlântica continua como o maior motor da segurança global, mas também atravessa momentos de dificuldade com as restrições financeiras nos EUA, que, como a recente intervenção na Líbia mostrou, tentam forçar os parceiros europeus a assumirem as suas responsabilidades pela segurança nas suas áreas próximas, tarefa difícil de executar com recursos a diminuírem. A continuação desta situação pode levar os EUA a afastarem-se da Europa.

A solução óbvia para todos estes problemas seria a Europa gastar mais com a sua defesa. Face aos acontecimentos no Médio Oriente, nalguns países europeus, iniciou-se um debate sobre a forma de inverter a tendência de diminuição dos gastos com a defesa. Mas, atendendo à crise económica e financeira parece que a solução será não gastar mais, porque não se pode, mas gastar melhor. E para gastar melhor, alguma imaginação, flexibilidade e abandono de velhos *taboos* são necessários actuando em três áreas:

- Reavaliar as capacidades militares da Europa, integrando-as num conceito europeu de defesa comum, reorientando a parceria transatlântica para uma visão estratégica global e trazendo potenciais militares emergentes para parcerias com a Europa;

- Desenvolver capacidades militares, não podendo esquecer o pessoal que serve a força armada e o seu estatuto de Honra, Pátria e Dever; não há tecnologias que substituam homens e mulheres que têm vindo a ser reduzidos, que têm visto as suas missões de serviço estendidas com o sacrifício próprio e das suas famílias e que têm visto diminuir as retribuições por aquilo que tantos devem a tão poucos; dado que as capacidades militares a desenvolver devem ser centradas para servirem o combatente, maior cooperação entre os parceiros europeus da Aliança poderia diminuir custos e criar *nichos* de excelência, desde há muito identificados mas aos quais a decisão política não tem dado seguimento;

- Reorientar a visão estratégica da parceria transatlântica deve ser desenvolvida em

conjunto com uma maior aproximação a potências militares emergentes, o que permitiria uma aproximação mais alargada à segurança global e a uma repartição de custos por essa segurança, naturalmente em ligação com a ONU mas ultrapassando as suas dificuldades internas e operacionais, e aliviaria as pressões financeiras que se vivem na comunidade do Atlântico Norte.

O Secretário-geral da OTAN tece considerações sobre *NATO after Libya.* Seria tempo de os parceiros europeus da Aliança se debruçarem sobre *Libya after NATO,* antes que as recomendações no artigo que analisamos percam oportunidade.

* Presidente da Direcção da Revista Militar.